II - Potência dos pobres

Zumbi or not zumbi that is the question

Luciano Barbosa Justino

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

JUSTINO, LB. Zumbi or not zumbi that is the question. In: *Literatura de multidão e intermedialidade: ensaios sobre ler e escrever o presente* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2015, pp. 101-107. Literatura & Interculturalidade series. ISBN 978-85-7879-240-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

II

POTÊNCIA DOS POBRES

ZUMBI OR NOT ZUMBI THAT IS THE QUESTION

- *Qué apanhá sordado?*
- *O quê?*
- *Qué apanhá?*
*Pernas e cabeças na calçada*¹.

é gregório de Mattos quem inicia em nossa literatura a festa da carnavalização antropofágica, na qual se sacrifica simbolicamente o colonizador e se pratica uma espécie de “parricídio inaugural”².

descida política, etno-bio-gráfica, técnica e cultural, aos rizomas do homem brasileiro como uma alegoria da resistência à hegemonia cultural do ocidente³.

contra-colonização. o brasil é desde sempre pós-colonial. o bispo sardinha é a primeira proteína para a primeira dentição.

recusa de reduzirmo-nos a uma projeção de utopias europeias e mais recentemente norte-americanas: transmissão inexata de um

1 *O capoeira*, Oswald de Andrade.

2 HELENA, Lucia. *Por uma literatura antropofágica*. Fortaleza: UFC, 1983.

3 CHALMERS, Vera Maria. O outro é um: o diagnóstico antropófago da cultura brasileira. In: CHIAPPINI, Lígia; BRESCIANI, Maria Stella. *Literatura e cultura no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

conteúdo inessencial⁴. leitura crítica radical do projeto da modernidade ocidental e de sua visão linear e inexorável da história e do progresso técnico-científico.

a antropofagia é a salvação da origem pelos fluxos horizontais, de baixo, no quadro da imanência terrestre da temporalidade não sincrônica entre o global e o local. opera necessariamente por migração, tradução e contágio.

a globalização abre-se à multiplicidade dos mundos possíveis. sua temporalidade é aberta ao devir, mundo-braz: um devir-mundo do brasil que é ao mesmo tempo um devir-brasil do mundo. a mestiçagem brasileira se apresenta aqui como uma potência de diferenciação e, pois, de produção ilimitada de novos valores, constituição do tempo, produção de novo ser⁵.

hetero Genesis: das visões do passado e do futuro, do paraíso à europeia ou estadunidense, aos devires e potências dos pobres.

tupy or not tupy that is the question

imagem obsedante, cheia de ressonâncias mágicas e sacrificiais, com o background de anedotas de almanaque, mas também com uma aura soturna e saturniana. a devoração antropofágica é o símbolo cruento, misto de insulto e de sacrilégio, de vilipêndio e de flagelação pública, como sucedâneo verbal da agressão física a um inimigo de muitas faces, imaterial e proteico.⁶

4 BENJAMIN, Walter. *A tarefa-renúncia do tradutor*. Belo Horizonte: UFMG, 2008, 102 p.

5 COCCO, Giuseppe. *MundoBraz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

6 NUNES, Benedito. A antropofagia ao alcance de todos. In: ANDRADE, Oswald. *A utopia antropofágica*. São Paulo: Globo, 1990.

recusa da salvação pelo futuro que nos projetaram as sociedades ocidentais e seu ocidentalismo. recusa de identidades homogeneizadas e passivas. dessacralização do inimigo sacro e do amigo cordial.

historicizar as dicotomias, as oposições e diferenças simples. realidades históricas descontínuas. semiotizar passagens intersticiais.

intermedialidade crono-tópica. não é um nem outro, mas o intervalo, a cada vez, contingencialmente, retrazendo as fronteiras e problematizando singularidade e autonomia. as dicotomias como parte do problema.

:elaboração de ligações entre elementos instáveis da literatura e da vida. traduzibilidade do intraduzível. resistência biopolítica.

lima barreto: potência do pobre: singularidade exemplar da exploração a ser expressa.

orientupis orientupis ameriquíталos luso nipo caboclos orientupis orientupis iberibárbaros indo ciganagôs egipciganos tupinamboclos yorubárbaros carataís caribocarijós orientapuias mamemulatos tropicaburés chibarrosados mesticigenados oxigenados debaixo do sol.⁷

quinto espaço.

“discordância genérica”, “justaposição inesperada”, “esquizo-fragmentação”, em oposição à histeria moderna e modernista. quinto espaço desdobrável, que representa o irrepresentável e o intraduzível.

7 Arnaldo Antunes e Chico Science, *Inclassificáveis*.

não subsumir as desconexões, os movimentos erráticos, à volatilidade dos mercados econômicos globais. não rejuntá-los aos espaços teleológicos do capital internacional contemporâneo e às suas mnemotécnicas.

devorar migrar traduzir. a antropofagia opera no interstício em que as línguas lambem sua traduzibilidade infinitiva na boca famélica, violenta, carinhosa e solidária, do migrante, aquele *é/está* na relação de alteridade.

gregório de mattos é o parricida inaugural. gregório é o migrante inaugural. gregório é o primeiro tradutor.

o escroto do gregório é o parricida inaugural. a salvação do original. nele se dissemina a potência traduzível da intraduzibilidade do original.

a antropofagia é um motivo que se repete na tradição literária e cultural brasileira, podendo ser definida como um topos em momentos históricos específicos a fim de dar conta das diversas faces da identidade brasileira⁸.

“tupy or not tupy that is the question”.

a cultura migrante do entre-lugar, a posição minoritária, dramatiza a atividade da intraduzibilidade da cultura; ao fazê-lo, ela desloca a questão da apropriação da cultura para além do sonho assimilacionista, ou do pesadelo do racista, de uma “transmissão total do conteúdo”, em direção a um encontro com o processo ambivalente

8 ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. *Tornar-se outro: o topos canibal na literatura brasileira*. São Paulo: Annablume, 1999.

de cisão e hibridização que marca a identificação com a diferença da cultura.⁹

“potência do pobre”. contra-identidade de mito e de museu.

“uma poética de reposicionamento e reinscrição”: blasfemar: momento em que o assunto ou o conteúdo de uma tradição cultural está sendo dominado, ou alienado, no ato de tradução. blasfemar é a sobrevida do original.

tupy or not tupy: do drama metafísico individual do indivíduo individualizante ocidental ao devir-nós: processo de predação ontológica. salvação da origem e do original pelo devir-nós, negro, índio, mulher, de uma identidade incompleta, inconclusa e blasfematória.

singularizar a sinergia.

a minha maneira de amá-los é traduzi-los. ou degluti-los, segundo a lei antropofágica de oswald de andrade: só me interessa o que não é meu. tradução para mim é persona. quase heterônimo. entrar na pele do fingidor para refingir tudo de novo, dor por dor, som por som, cor por cor. por isso nunca me propus traduzir tudo. só aquilo que sinto. ou que minto que sinto, como diria ainda uma vez, pessoa em sua persona.¹⁰

9 BHABHA...

10 CAMPOS, Augusto. *A margem da margem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.